THE NEW HOUSE

BLADEFREGA



A CASA NOVA

THE FAMILY · 10

Assim que se casaram, decidiram morar em Cosenza.

Era onde meu pai estava oficialmente lotado, e a Gillette encaminhava para lá toda a correspondência e todo o material da empresa.

Minha mãe esperava o primeiro filho.

Nos anos 1960, ninguém sabia de antemão o sexo do bebê.

Os exames disponíveis eram invasivos, arriscados, e ninguém estava disposto a correr riscos com uma criança que ainda nem tinha nascido.

Ahahahah.

Chegou o Natal de 1963.

A Gillette aprovou a transferência do meu pai para Reggio Calábria.

Minha mãe ficou feliz.

O bebê dela nasceria no lugar que ela conhecia melhor.

A cidade dela.

Havia uma piada que não parava de circular pelos corredores da casa:

“Que tragédia se olhassem a carteira de identidade do meu filho e descobrissem que ele nasceu em Cosenza. O que meus parentes iam pensar?”

Ahahahah.

Encontraram um apartamento a apenas duzentos metros da casa dos meus avós.

A suposição óbvia era que minha mãe, com apenas dezessete anos, teria o apoio da família por perto.

Talvez alguém pudesse ajudar com o bebê quando fosse preciso.

Mas a vida decidiu jogar outro jogo.

A relação entre mãe e filha já estava desgastada.

O pai dela acreditava que a educação se resolvia com surras.

Nunca funcionou.

Nem uma vez.

Mesmo quando minha mãe, mais tarde, tentou aplicar o mesmo método com os próprios filhos, o resultado foi idêntico.

Fracasso.

Jovem.

Bonita.

Deslumbrante.

E o diabo em pessoa.

Conseguia ter cem ideias antes do café da manhã e executar outras cem antes do jantar.

Mas era minha mãe.

Teresa, minha irmã, nasceu em janeiro de 1964.

Uma menina.

Nenhum parente correu para visitar.

A maioria chegou semanas depois.

Quase como se tivesse havido um funeral.

Essa era a cultura de uma cidade do Sul da Itália onde se acreditava que os verdadeiros recursos da sociedade eram os homens.

Os machos.

A mesma sociedade precisaria de mais sessenta anos para descobrir que a realidade funcionava de outro jeito.

Talvez minha literatura tenha introduzido o assunto.

Entendê-lo é outra questão.

Bom, treze meses depois cheguei eu.

Fevereiro de 1965.

E de repente os Reis Magos apareceram, vindos de Cosenza e de todos os vilarejos em volta.

Uma festa.

O herdeiro varão tinha chegado.

A geração continuaria.

Meu pai era um homem enérgico.

Nos oito anos seguintes, poderiam facilmente ter aparecido mais dez filhos.

Em vez disso, houve abortos, um atrás do outro.

Meu pai não gostava de preservativo porque dizia que aquilo o desestabilizava.

Minha mãe preferia outro método.

Usava o cartão de crédito.

O médico resolvia o problema.

Uma tarde, minha mãe foi ao cabeleireiro.

Como sempre acontece nesses lugares, houve troca de confidências.

Alguém comentou que o filho da proprietária ia se casar e que procuravam outro inquilino para nos substituir.

Minha mãe era muito boa em matemática.

Voltou para casa, chamou meu pai e apresentou uma equação simples.

“Em sete dias, compre uma casa nova. Vamos embora.”

Meu pai ganhava só 750.000 liras por mês.

Mas minha mãe tinha uma loja de armarinho e roupas.

Um telefonema para o meu avô paterno e o dinheiro se materializou de repente.

O corretor mostrou ao meu pai um apartamento no osso, sem acabamento.

Os donos queriam sete milhões de liras.

A conta do meu pai tinha exatamente sete milhões de liras.

Nem uma lira a mais.

Nem uma lira a menos.

Ele comprou.

O apartamento tinha paredes internas.

Nada mais.

Nenhuma obra concluída.

Nenhuma instalação decente.

Minha mãe queria matá-lo.

“Onde diabos a gente vai dormir sem portas, janelas e banheiro?”

Meu pai riu.

“Eu sou Frega.”

“Em maio de 1973 já vamos estar morando na casa nova.”

Em março de 1973 chegaram mais dois Frega.

Gêmeos.

Anos depois, meu pai diria:

“Mas eu saí a tempo. Como diabos eles entraram?”

E eu dava sempre a mesma resposta, enquanto todo mundo ria.

“O problema nunca é entrar, pai. Essa parte é fácil.”

“O problema é sair a tempo.”

“Talvez você esteja fora de compasso.”

“Seu relógio Bulova está atrasando alguns segundos.”

Ahahahah.

Ele nunca pegou dinheiro emprestado de banco.

Nenhum financiamento.

Nenhum empréstimo.

Amigos e conhecidos davam crédito a ele.

E ele nunca faltou com a palavra.

Em 30 de maio de 1973, nos mudamos.

Só meu pai e eu fizemos quase toda a mudança.

Depois de dois dias carregando móveis, eu tinha oito anos e subi sozinho uma máquina de lavar por três andares e a levei para dentro do apartamento.

Estávamos finalmente na nossa própria casa.

Ninguém jamais nos poria para fora.

Pelo menos era essa a teoria.

Anos depois, meus pais morreram e um dos meus irmãos conseguiu tomar posse de tudo.

Mas essa é outra história.

Tchau, pai.

Ferdinando Frega
Gillette Man ⚔️